

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CRENÇAS DE PROFESSORES NÃO NATIVOS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Gabriely Rodrigues Mendes^{1*}, Marcelo Saporas¹

1. UFGD;

*Autor para contato: elfofove@hotmail.com

Este trabalho objetiva entender as crenças dos professores de língua inglesa não nativos sobre a utilidade e a apropriação de variedades como o inglês como idioma internacional (ILI) e o inglês como língua franca (ILF), em comparação com as variedades de falantes nativos. Para tanto, a pesquisa aborda o debate teórico atual sobre modelos de alvo apropriados de inglês em diferentes contextos na região de Dourados. Os professores-participantes foram convidados a refletir sobre suas experiências, tanto como aprendizes como professores de inglês, e a considerar qual variedade ou variedades de inglês haviam aprendido e qual variedade, se houver, eles escolheram ou foram 'informados' (pelas autoridades educacionais ou currículos) a ensinar. Para tanto, usou-se um questionário enviado a dois docentes um da rede pública de ensino superior e outro de um curso livre, a saber cultura inglesa. Ambos não foram identificados para manter o sigilo e sinceridade nas respostas. Como resultado nas análises notou-se nas respostas uma preocupação pela “correção” gramatical e um apreço pela pronúncia, padrão, apesar de ambos abordarem o fato de que os materiais utilizados prezam pela diversidade linguística, especialmente no que tange à gramática e à pronúncia. Termos como decolonização no ensino, desterritorialização da língua inglesa ou hegemonia linguística não foram abordados pelos docentes.

Palavras-chave: Ensino de inglês, língua franca, decolonização, desterritorialização, hegemonia.

Agradecimentos: Gostaria de prestar agradecimentos ao meu orientador Marcelo Saporas pela oportunidade de escrever este artigo, ao CNPQ pela bolsa fornecida, e à UFGD.